



PROFISSÃO: PROFESSOR EDUCADOR UNIVERSITÁRIO EM ADMINISTRAÇÃO

Claudia de Barros-Ahrens, Pós Graduada UFPR - clauahrens@ibest.com.br
Selma de Barros-Ahrens, MSc. Uniandrade/Secal e Cesgage - selmahrens@hotmail.com
Dirk Claudio Ahrens, Dr. Uniandrade/Cescage e IAPAR- dahrens@iapar.br

Resumo: *Nos últimos anos houve um considerável crescimento no número de escolas superiores na rede particular, em especial na área de Administração, sendo a maioria de cursos noturnos. Muitos alunos estão despreparados para aprender, tendo professores despreparados para educar. Existem aqueles que exercem a docência, principalmente das áreas técnicas, que não estão prontos didática e pedagogicamente. Cabe a universidade não formar somente técnicos, mas profissionais conscientes de seu papel político e social na sociedade. Nos dias de hoje o diploma apenas não basta, saber é fundamental. Quem não domina o conhecimento continuará excluído do mercado exercendo atividades operacionais/administrativas. Para aquele comprometido com a Educação o ato de ensinar é um constante aprender, onde o educando é o real sujeito na reconstrução do saber. Tais afirmações também valem para o profissional Administrador - educador, que deve preparar os seus educandos para trabalharem com seus pares num processo de comunicação (ação – reflexão) e não impondo idéias. Os profissionais, para serem educadores, agentes de transformação, devem respeitar dos valores locais acima dos globais.*

Palavras-chave: *Comunicação, Didática, Construção do saber, Libertação, Valores locais e globais*

1 INTRODUÇÃO

“Dize-me e eu esquecerei. Ensina-me e eu aprenderei. Envolve-me e eu entenderei”.
CONFÚCIO.

Esta máxima de Confúcio retrata a realidade e as necessidades do ensino superior brasileiro. Então educar para que? – eis a questão!

Ao analisar a realidade da educação brasileira e a importância das universidades públicas e particulares no contexto nacional, busca-se a melhoria da qualidade do ensino por meio de propostas inovadoras e educadores comprometidos em orientar o aluno sobre o que fazer da sua vida acadêmica e profissional.

Na história do desenvolvimento as universidades brasileiras tiveram no seu início o modelo europeu como referencial, tendo como objetivo inicial atender a burguesia emergente, o que parece não ter mudado muito.

As universidades não expressavam seu modelo institucional de forma plena para responderem à função social. Hoje algumas adotam o seu modelo na resposta aos anseios e exigências do mercado de trabalho, no que trata a formação de profissionais preocupados com o seu trabalho e com as questões sociais. Este é um desafio para todas as universidades do planeta, sendo que nenhuma, pública ou particular, irá solucioná-lo de forma isolada. Torna-se necessário realizar um processo de reflexão buscando respostas realistas e concretas,

envolvendo os diferentes segmentos da sociedade propondo uma educação de aprendizagem mútua: educador-educando.

A prática educacional deve ter na escola superior a função de ajudar a construir projetos de vida, e isto só é possível com profissionais realmente envolvidos com o processo educacional. Pessoas conscientes de que para educar é necessário aprender a perder e renunciar, pois a humanidade só evolui porque a educação nunca se completa (Greco, 2002).

Nos últimos anos houve um aumento considerável de escolas superiores de Administração na rede particular, 45% em dois anos, sendo que cerca de 70% é constituído por cursos noturnos. O acadêmico precisa trabalhar de dia para se sustentar e custear a faculdade à noite. O percentual de pessoas nas salas de aula das universidades brasileiras é considerado um dos mais baixos do mundo, apesar do crescimento registrado no país. Marcelo (2003) afirma que são 3,4 milhões de brasileiros no ensino superior dos quais 2,5 milhões frequentam faculdades privadas. Estima-se que 14% dos estudantes entre 18 e 24 anos cursem faculdade, sendo que a meta do governo federal é ampliar para 30% até 2010.

Muitos alunos adentram aos primeiros anos dos cursos carentes de conhecimento, carentes do ponto de vista educacional, despreparados e sem expectativas delineadas sobre o futuro, quase incompatível com a realização de um trabalho pedagógico de nível razoável (Greco, 2002). Eles são excluídos das universidades públicas, por meio dos vestibulares, em função de terem realizado um ensino fundamental e médio “fracos”. Na maioria das vezes nelas só adentram aqueles que têm a oportunidade de estarem mais bem preparados pelas escolas particulares e cursinhos caros.

2 O PREPARO PARA SER EDUCADOR

Não há uma pedagogia do ensino superior (Greco, 2002), que determina que em muitas áreas do conhecimento, especialmente as técnicas, o quadro de docentes seja formado por diletantes em educação. Sem contar aqueles que fazem do ensino um “bico”, e que não têm nenhum compromisso educacional com as instituições onde atuam, geralmente com grande capacidade profissional especializada e quase nenhum preparo para a tarefa de educar/ensinar.

Analisando este assunto num contexto mais amplo verifica-se, não só nos cursos de Administração, mas em muitos outros, o encontro de dois carentes: um despreparado para aprender e outro para ensinar. GRECO (2002) comenta que se está diante de um processo educacional que exige a construção de bases para a construção de uma educação superior. Ou então se estará condenado a ter no início do século XXI o modelo vigente no final do século passado: exatamente reproduzido, intacto na sua mediocridade. Na cadeia de ensino superior há dois elos fracos:

- O despreparo didático-pedagógico de grande parte de seu corpo docente, embora de boa qualificação técnico-científica; e
- O perfil do aluno que procura estes cursos como alternativa para aquisição de maior conhecimento e de oportunidade de acesso a uma nova carreira profissional – um perfil que exhibe toda gama de carências educacionais e de conhecimento.

Entretanto, o modo como são ministrados os cursos, ao invés de oportunidade esses alunos estão tendo é uma ilusão, que os descontenta em mais de 80% dos casos. De acordo com Greco (2002), a solução seria intervir nos dois elos fracos da cadeia com uma visão educacional: o professor e o aluno, principalmente no elo do professor. Ele acaba levando para os níveis gerenciais superiores da administração da Universidade seu pensamento de técnico e de educador improvisado.

Não se pode perceber nem entender o ensino superior brasileiro simplesmente como um trabalho profissionalizante, tecnicista, treinador de mão-de-obra e mente-de-obra (Cavallet, 1999), sendo muito mais do que isto. Segundo Barros-Ahrens (2003) o ensino superior

brasileiro deve possibilitar a formação de um cidadão consciente de seu papel na sociedade permeando uma educação integral, considerando a pessoa como um todo. Santos (2003) vai mais além e considera o desenvolvimento integral em quatro elementos básicos: afetividade, movimento, inteligência e a formação do eu como pessoa, todos em constata comunicação.

Torna-se necessária a preparação dos docentes do curso superior para que estes formulem projetos pedagógicos para seus cursos com uma concepção educacional e intervencionista, e não simplesmente gerar uma organização tecnicista ou profissionalizante.

Também não se pode esperar que um educador do ensino superior seja formado com 60 horas aula de didática e prática de ensino, além de ter consciência de que o credenciado para ser professor não deve ocorrer só porque é mestre. Educação não se faz apenas por intuição ou mediocridade. Educação se fundamenta em princípios científicos, em teorias elaboradas e testadas por anos de observação (Greco, 2002).

É preciso ter consciência de que quando se faz educação superior, não se está apenas profissionalizando, está se modelando projetos de vida, seres críticos e reflexivos. Aquele que ministra treinamentos faz o “adestramento” doutrinando e dominando os usuários (Cavallet, 1999). Para isso é fundamental acabar-se com a cultura do professor que faz de conta que ensina e do aluno faz de conta que aprende. Nesta prática, encontrada em muitas das escolas superiores, todos participam de um verdadeiro “estelionato pedagógico” cujo custo aos formando passa do valor de um caro popular novo. Estas culturas instaladas no ensino superior caracterizam-se por um único objetivo perceptível – o diploma, como se ele abrisse todas as portas, estabelecendo perspectivas profissionais e de vida. Hoje o mercado, além do diploma, exige conhecimentos, quem não os tem, continuará exercendo atividades rotineiras.

3 A EDUCAÇÃO COMO ATO REFLEXIVO – O ENSINAR É SEMPRE APRENDER

Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto – alguma coisa - e um objeto indireto – a alguém. Do ponto de vista da radicalidade metafísica em que se coloca Freire (1996), decorre a compreensão do homem e da mulher como seres históricos e inacabados e sobre o que se funda a inteligência do processo do conhecer e que é possível ensinar. Assim perceberam que era possível trabalhar maneiras, caminhos e métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente de aprender.

Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da reconstrução do saber, o lado do educador, igualmente sujeito do processo. Só assim pode-se falar realmente de saber, ensinado, em que o objeto ensinado é apreendido na sua razão de ser e, portanto, aprendido pelos educadores (FREIRE, 1996).

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar para dar certo, seja na elaboração do projeto de vida na construção do ser humano e profissional.

Com o exercício do bom senso, tem-se a ganhar. Quanto mais se coloca em prática a capacidade de indagar, de comparar, de duvidar, de aferir, tanto mais curiosos pode-se tornar e mais críticos se pode fazer o bom senso. A prática da educação do bom senso, para Freire (1996), vai superando o que há nele de instintivo na avaliação que se faz dos fatos e dos conhecimentos em que se envolve. Se o bom senso na avaliação moral que se faz de algo, não basta para orientar ou fundar as táticas de luta, tem, indiscutivelmente, importante papel na tomada de posição, a que não pode faltar a ética.

A responsabilidade do professor do curso de Administração é sempre grande e às vezes não se dá conta disto, precisa estar presente e se fazer presente. Aquele que não leva a sério sua formação, que não estuda, que não se esforça para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de uma classe. Isto não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora seja determinada por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. O docente autoritário, inflexível, não conta com nenhuma criatividade do educando. Não faz parte de sua forma de ser, esperar, sequer, que o educando revele o gosto de aventurar-se. Assim, o educando que exercita sua liberdade ficará tão mais livre quanto mais eticamente vá assumindo a responsabilidade de suas ações. Decidir é romper e, para isso, é necessário correr risco.

Ensinar e, enquanto ensina, testemunhar aos alunos o quanto é fundamental respeitá-los e respeitar-se são tarefas que jamais se separa. A prática docente que não existe sem a discente é uma prática inteira. A “beleza” da prática docente se compõe do anseio vivo de competência do docente e dos discentes e de seu sonho ético.

A educação e o conhecimento são o eixo da transformação produtiva com equidade, ou seja, simultaneamente desenham a necessidade de integrar o crescimento econômico com justiça social. A desigualdade social será reduzida a partir da ampla oferta de uma educação libertadora, verdadeiramente democrática. A educação é o indicador central do desenvolvimento humano, porque define o horizonte das oportunidades potenciais, possíveis e realizáveis na história. A exemplo disto, dados do IBGE (2001) relacionam um menor nível de escolaridade com um maior número de filhos e maior mortalidade até o primeiro ano de vida. Para Greco (2002) a escola pode ser decisivamente relevante na redistribuição do poder, desde que pobres e ricos, indistintamente recebam a mesma qualidade educativa, capacitando os sujeitos a manejar as mesmas armas de lutas históricas.

A educação necessita de conhecimento para poder tornar-se fator de inovação, e conhecimento precisa de educação, para tornar-se intervenção ética. Nisto já se diz a importância de conjugar adequadamente os dois termos, numa relação hierárquica de meio e fim, ainda que cada termo tenha lógica própria. No contexto de educação e conhecimento, conforme Demo (1996), compreende-se por competência humana tanto a capacidade de exercer o conhecimento inovador, quanto o tudo de humanizar, no contexto da formação de um ser criativo e histórico ético. Então a definição de educação sinaliza para o processo de formação da competência humana na história.

4 UMA EDUCAÇÃO MAIS HUMANA NOS CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

A educação implica uma busca realizada por um sujeito que é o homem. Este deve ser o sujeito de sua própria educação. Portanto, para Freire (1987), ninguém educa ninguém. Ninguém liberta ninguém, ninguém se liberta sozinho: os homens se libertam em comunhão. Portanto não se pode abandonar a idéia do diálogo, da reflexão, da comunicação, das relações humanas. Este conjunto de ações poderá levar a ação libertadora, transformando-a em independência, libertando homens e não coisas. Paulo Freire, um pensador e educador comprometido com a vida, coloca que não há educação sem amor. Quem não é capaz de amar os seres inacabados não pode educar.

Freire (1997) salienta o diálogo como uma poderosa ferramenta, sendo que ocorre em todos os momentos da atividade pessoal e profissional. O diálogo é um encontro de amor daqueles que o utilizam, e, por meio dele, pode-se conseguir o aprimoramento das relações. A educação, quando compreendida no verdadeiro sentido, deve humanizar o homem numa ação consciente que este deve fazer para transformar o mundo.

A qualidade é um atributo humano, segundo Demo (1996), ou seja, a qualidade é tipicamente fenômeno histórico e dialético. Somente o ser humano a faz ou desfaz e é tão central quanto frágil, tão profundo quanto passageiro, tão essencial quanto provisório. Isto revela que qualidade não é um dado, mas uma conquista, e que somente se mantém por meio de uma reconstrução diária. Ela tem duplo desafio: de um lado, representa o esforço humano de a fazer, construir, criar; de outro, o esforço ainda maior de manter, cultivar, aperfeiçoar.

De um modo geral, para Barros-Ahrens (2003), os profissionais são formados com objetivos direcionados às necessidades de mercado, muitas vezes distantes de interesses sociais, ignorando a realidade e facilitando a produção e reprodução do conhecimento acrítico e das relações humanas. No entanto, o Administrador, que receber formação integral, interdisciplinar e não apenas tecnicista, estará consciente e instrumentalizado para exercer a práxis, convivendo harmoniosamente com gerentes, técnicos e operacionais. Diante das transformações pelas quais o mundo vem passando (Ahrens e Barros-Ahrens, 2002) é preciso formar profissionais conscientes, hábeis, ecléticos, éticos e com responsabilidade social, que saibam colocar-se no lugar do outro para poder entender a sua realidade. Portanto, faz-se necessário formar profissionais interdisciplinares com enfoque nas relações humanas.

Dos Curso de Administração apenas de 10% das disciplinas tem enfoque direto com as pessoas, mas as demais poderiam levar um enfoque humanístico sem perder a sua essência, apenas dependendo da “sensibilidade” do professor. O profissional Administrador - educador deve preparar os seus educandos para trabalharem com os seus pares num processo de comunicação (ação - reflexão) e não de extensão, impondo “receitas”, que os torna mais dependentes de tecnologias não apropriadas.

5 A DOMINAÇÃO E A EDUCAÇÃO – O RESPEITO AOS VALORES LOCAIS E GLOBAIS

Saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou à sua construção (FREIRE, 1996). O saber necessário ao professor de que ensinar não é transferir conhecimento. Precisa ser entendido por ele e pelos educandos nas suas razões de ser - política, ética, epistemológica, pedagógica e constantemente acompanhado, vivido.

O respeito à autonomia e à dignidade de cada ser é um imperativo ético e não um favor que se pode ou não conceder uns aos outros. O professor de Administração, que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, o professor que ironiza o aluno, que minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios fundamentalmente éticos de nossa existência (Greco, 2002). O respeito e o entendimento dos valores locais do educando é um ato importantíssimo para a construção do conhecimento.

No processo de aprendizagem, só aprende de verdade aquele que se apropria do aprendido, e que pode reinventá-lo, sendo capaz de aplicar o aprendido a situações existenciais concretas (Freire, 1992). No seu estudo o autor ressalta o trabalho do Agrônomo extencionista, chamado erroneamente de educador, pois o sistema avaliza-o em “vender” tecnologias ditas modernas que escravizam cada vez mais o homem do campo. O conceito de extensão não corresponde a um que-fazer educativo libertador. Em analogia com o curso de Administração tem-se certeza de que o Agrônomo tem a tarefa de educar e de educar-se, não podendo aceitar que seu trabalho seja rotulado por um conceito que o nega.

O trabalho do Administrador educador não se esgota e não deve esgotar-se no domínio da técnica, pois esta não existe sem os homens e estes não existem fora da realidade que devem transformar. Nada justifica o antidiálogo e não se pode esquecer que a produção agrícola resulta das relações homem – natureza, homem no espaço histórico – cultural (Freire, 1992).

O homem, aquele globalizado, deixa de ser cada vez mais autônomo, para fazer parte de um processo onde intensifica o seu trabalho para consumir mais. Por outro lado os excluídos da globalização engrossam as fileiras dos miseráveis, famintos, doentes, pois veio para ficar e servir aos interesses dos ricos, em detrimento dos pobres. Cabe também aos administradores inteirar-se para poderem participar e interferir crítica e reflexivamente neste processo, beneficiando, quando possível, e minimizando ou evitando os seus impactos nefastos na administração das empresas. Também devem estimular a organização de forças locais para impor suas condições às pressões das transnacionais. (Ahrens e Barros-Ahrens, 2004).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho do Administrador como educador, do Administrador como um especialista, que atua com outros homens sobre a sua realidade, se recusa a dominá-los, tem a tarefa de comunicar, não se operacional. O Administrador educador precisa crer no povo, nos homens simples, caso contrário, será um profissional frio, porém nunca um agente de transformação, um educador. Esta colocação aplica-se aos profissionais das diversas áreas de conhecimento, que, para construir, precisam respeitar os valores locais em detrimento dos globais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AHRENS, D.; BARROS-AHRENS, S. A Administração rural frente às mudanças no espaço agrário. In: Seminário Sul-Brasileiro de Administração Rural, 2. 13 a 15 de agosto de 2002, Passo Fundo, RS, **Anais ...**, Editora UPF, 2002, p.117-126.

_____. A Administração Frente à Pressão da Globalização sobre o Homem, a Agricultura e o Meio Ambiente. In: Congresso Sul Brasileiro de Comércio Exterior, 3.; 19 a 22 de maio de 2004, Ponta Grossa – PR, **Anais ...**, CD, 2004.

CAVALLET, V. J. Educação formal e treinamento: confundir para doutrinar e dominar. Apresentado na “Oficina de Formação de Formadores”, realizado pelo Sub-programa de Qualificação da CUT, São Paulo, 1999.

BARROS-AHRENS, S. **O engenheiro agrônomo sob um olhar interdisciplinar**. Curitiba, PR: 2003, 66p. Dissertação (Mestrado em Ciências) Universidade Federal do Paraná.

DEMO, P. **Um Brasil Mal-Educado**, Curitiba, PR: Ed. Universitária Champagnat, 1996, 108p.

ENGERS, M. E. A. **Paradigmas e metodologias de pesquisa em educação**: notas para reflexão. Porto Alegre, RS: PUCRS, 1994.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. 2. ed., Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1986.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed., Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1987. 184p.

_____. **Extensão ou comunicação?** 10. ed., Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra. 1992. 93 p.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**. 27. ed., São Paulo, SP: Paz e Terra, 1996. 146 p.

_____. **Política e educação: ensaios**. 3. ed., São Paulo, SP: Cortez, 1997.

GREGO, M. **Educação superior para a construção de projetos de vida**. São Paulo, SP: Salesiana, 2002. 144 p.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – Dados do Censo Demográfico de 2001.

MARCELO, C. Universidade paga se expande em SC. *Jornal Diário Catarinense*, 10 de agosto de 2003, p 19.

SANTOS, T. F. Educação por inteiro. **Nova escola**. Ed. Abril: São Paulo, SP, março, 2003. p. 30-32.

TULLIO, A., A. **A prática pedagógica do professor de Engenharia Agrônômica**. *Sci. Agric. Piracicaba, SP*. Setembro/Dezembro, v. 52, n.3, 1995. p 594-603.

PROFESSION: UNIVERSITY EDUCATING TEACHER IN ADMINISTRATION

Abstract: In the last years there was a considerable growth on number of superior schools in the private net, especially in the area of Administration, being most of night courses. Many students are do not prepare to learn, tends teachers do not prepare to educate. Those that exercise the teach exist, mainly of the technical areas, they are not ready didacticism - pedagogically. The university fits not to form only technicians, but professionals conscious of its political and social role in the society. In the days today the diploma just is not enough, to know is fundamental. Who doesn't dominate the knowledge it will continue excluded of the market exercising operational activities / administrative. For that committed with the Education the act of teaching it is a constant one to learn, where educating him is the subject real in the reconstruction of the knowledge. Such statements are also worth for the Administrating professional - educator, that should prepare its students for they work with its pairs in a communication process (action - reflection) and not imposing ideas. The professionals, for they be educating, transformation agents, they should respect of the local values above the global ones.

Key-words: communication, didacticism, knowledge construction, liberation, local and global values